

O III Documentário dos Usos, Costumes e Tradições Poveiras

Na noite de 30 de Agosto de 1956, realizou-se na Póvoa de Varzim, no recinto de jogos do seu Clube Desportivo, o III Documentário dos Usos, Costumes e Tradições Poveiras, do ciclo de «A Vida e a Morte do Poveiro», levada a efeito e superiormente orientada pelo saudoso etnógrafo da Póvoa, António dos Santos Graça. De entre as diferentes unidades etno-culturais do País, a Póvoa é certamente uma das mais originais, e que se define por traços mais vigorosos. A «grei» poveira constituía uma aristocracia popular, fechada num intransigente exclusivismo de sangue e de profissão durante séculos, e em que por isso se operou não só um afinamento extremo de certas qualidades humanas fundamentais, mas também a fixação de uma tradição muito particular e característica. O Poveiro, é e será sempre o tipo do lobo-do-mar humilde e audaz, de costumes puros e fé ingénua, em que o orgulho de casta era sobretudo um profundo sentimento de fraternidade humana, e o auxílio mútuo era espírito de abnegação e sacrifício, que nem perante a morte esmoreciam.

A recolha e o registo desta tradição está feita, nas suas linhas essenciais, e feita em boa hora, com carinho e probidade, por um poveiro dos velhos tempos, que muito amou a sua terra e a sua gente, os costumes em que foi criado, que podia conhecer melhor que ninguém, porque os bebeu com o leite materno. Santos Graça aparece-nos sempre como um último desses «Homens de Respeito» que derimiam as demandas da gente do mar, que ele tão bem descreveu, em toda a altitude da sua nobreza moral.

O espectáculo iniciou-se com um desfile de tipos regionais, do mar e da terra, envergando velhos trajes autênticos, de trabalho e de cerimónia, que terminou com uma exemplificação de pregões locais. Passaram diante de nós a noiva poveira, entre as suas duas madrinhas, no recato da sua capa preta pelos ombros; o homem do mar, envergando o sombrio gabão com o capuz pela cabeça, em sinal de luto; os sargaceiros, de branqueta e sueste, com os seus roda-foles e carrelas; as padeiras e leiteiras da Póvoa e Vila do Conde, apregoando o seu artigo — e tantos outros, ilustrando profusamente esses aspectos tão importantes de todas as culturas locais.

A esta primeira parte, seguiram-se várias cenas típicas da vida poveira, apoiadas, cada uma delas, numa cenografia esquemática e expressiva, que desenhava o ambiente próprio da acção em causa; e a grande originalidade do documentário, que lhe conferiu um interesse e um valor especiais, foi que os figurantes

que nele tomaram parte pertenciam na sua maioria à «grei» poveira, e fizeram dos números do programa cenas vividas, com a autenticidade e a vivacidade que lhes emprestavam a sua própria experiência real e o improvisado das situações e das réplicas. Vimos assim, com um sentimento palpitante de verdade, o Jogo da Péla, essa grande «afición» poveira, que se joga na rua, na Páscoa, no meio da algazarra exuberante das contagens, e as discussões vibrantes dessa gente que enfrenta quotidianamente a agitação e a violência do mar; a lota do peixe, no quadrado da praia, em todo o pitoresco dos lances e da sua terminologia; a ida da companha para o mar, seguida pelas exortações das mulheres; o casamento poveiro, sob a chuva dos «confeitos», que a garotada rebuscava no atropelo da própria realidade; e sobretudo, o inesquecível serão poveiro — um serão dos velhos tempos, em que as pessoas se reuniam numa casa, trabalhando em conjunto pela noite adiante, sentadas no chão, à luz de uma candeia de graxa suspensa do «mancebo», compondo e fazendo redes, moendo a casca ou encascando, entre os despiques de «lancheiros» e «sardinheiros», zaragatas de mulherio, a que a admoestação de um velho pescador punha cobro; o pedido de casamento, com a discussão esmiuçada e depreciativa das possessões de cada noivo, e, acima de tudo, erguendo-se de súbito silêncio apenas cortado pelo ritmo de um berço que se embala, a maravilhosa cantiga de adormecer, na voz cheia e grave de uma mulher poveira; finda esta, de novo a agitação e o vigor das discussões, e, numa interrupção brusca, o alarido de um naufrágio que se anuncia, interrompendo o serão, como uma rajada de temporal vinda da negrura da noite — tudo isto na linguagem rápida e incisiva dessa raça que tão grande potencial de força e energia tem ainda dentro de si.

Para acabar, assistimos à Encomenda das Almas poveira, que tem ali a forma original de um coro conjunto em tom menor, feito à noite, de candeia na mão, em torno da ermida de Santo André das Almas — O Pescador das Almas — de Abremar, em 30 de Novembro: «Resgatai as Almas — Ó Pastor Eterno — Daquele lugar — Junto ao Inferno; Pelo sacrifício — Da Sagrada Missa — Não useis com elas — Da Vossa Justiça; A nossa oração — Senhor, aceitai — Os justos que sofrem — Das penas livrai»; mais tarde, a litania toma um sentido diverso e mais terreno: «Santo André das Almas — Pedi ao Senhor — Que dê sardininha — Pelo seu Amor; Alminhas da Moita — Senhor de Calheiros — Dai aos nossos barcos — Quarenta milheiros». Veio depois o S. João Poveiro, cuja música segue de perto a linha melódica do S. João do Porto, e finalmente, numa reconstituição deslumbrante

e perfeita, a popular romaria do Senhor na Prisão, com música, descantes e bailadas, «taramboleiros», foguetes, bonecos de fogo preso, tendinhas de doce, etc.. E a cerimónia rematou com a exibição impecável da surpreendente Chula Vareira e do Vira de Oito poveiros, pelo Grupo Folclórico Poveiro, em que a acentuação rítmica das danças do litoral parece combinar-se com os requintes coreográficos do Minho, numa fusão em que, para além de quaisquer possíveis influências, se afirma a própria característica temperamental local de movimento, exuberância e força.

Este certame foi um espectáculo e uma lição. Quem quer que se dedique aos estudos de culturas regionais, sabe a importância decisiva do contacto directo e real com o ambiente e as pessoas na apreensão do verdadeiro sentido dos factos que se pretende observar. Graças ao modo como o documentário foi concebido e realizado, desfilou perante nós a Póvoa da época gloriosa, com os seus tipos vigorosamente desenhados, na realidade das suas atitudes, gestos, maneiras de falar e de se exprimir, esses tipos de bravura e ingénua pureza, cuja vida simples, regida pela lei austera do «respeito», era uma lição permanente de solidariedade humana, e igualdade social comunitária, por sobre o espectáculo geral do egoísmo pessoal.

Mal sabíamos, aqueles que a ele assistimos, que essa figura da velha Póvoa, o último «Homem de Respeito» da grei, que o compusera para nós, numa ilustração viva da obra de toda a sua vida, tão poucos dias lhe sobreviveria, e que os aplausos que lhe tributávamos eram o último preito de admiração prestado a um dos mais venerandos etnógrafos portugueses.

Porto, Outubro de 1956.

ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA,
do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular.

Homenagem ao Sr. Prof. Dr. Mendes Corrêa

O Sr. Dr. Mendes Corrêa, catedrático da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, director do respectivo Instituto de Antropologia, fundador da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia e director do Instituto Superior de Estudos Ultramarinos foi eleito recentemente sócio honorário do Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland (Londres).